



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS

Maiana Caliarí

Lajeado, novembro de 2018

Maiana Caliari

RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Olegário

Lajeado, novembro de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia às pessoas que me apoiaram durante todo o percurso da graduação para que ela se concretizasse.

Aos meus amados pais, Elton Caliari e Isabel Caliari, meus alicerces, que sempre me incentivaram e não mediram esforços para que eu conseguisse chegar até aqui. Aos meus irmãos, Fernando Roberto Caliari e Ana Julia Caliari, que sempre me tranquilizaram e apoiaram com gestos e palavras.

Ao meu companheiro, namorado e amigo, Fabiano Wunder, que esteve ao meu lado nos momentos bons e ruins, me ouvindo, me apoiando e dando forças para enfrentar cada obstáculo que surgiu no caminho.

Aos bebês, que foram essenciais para o meu estudo, bem como à Escola que abriu as portas para a realização da minha investigação; eles foram fundamentais para minha pesquisa se efetivar.

Dedico também a todos que acreditam na educação e no seu poder de transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à minha família, por serem minha luz nesta linda trajetória para que eu conseguisse chegar até aqui.

Agradeço a todos os meus professores do curso de Pedagogia, que foram essenciais e contribuíram tanto para minha formação profissional como pessoal. Em especial, à professora Cláudia Inês Horn, que me acompanhou no início deste estudo e me guiou, mostrando sempre a melhor forma de prosseguir. Sou grata pelo incentivo, contribuição e apoio em cada momento em que estive comigo. À professora Fabiane Olegário, que, no decorrer do processo de pesquisa, me acolheu com tanta atenção e dedicação, orientando-me a cada passo. E à professora Jacqueline Silva da Silva, que contribuiu para minha pesquisa, tendo um olhar especial na trajetória da minha investigação, e que também me ensinou muito durante o curso sobre a área da Educação Infantil, a qual foi foco da minha pesquisa.

Agradeço às minhas queridas colegas, companheiras, pelas palavras e gestos de ajuda e apoio. Vocês moram em meu coração.

Meu muito obrigada a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram e me ajudaram nesta caminhada.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma investigação que teve como objetivo geral investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade na etapa da Educação Infantil. Os objetivos específicos foram conhecer como ocorrem as relações de afetividade entre a professora e os bebês e descrever como os bebês criam e sustentam vínculos afetivos com a professora. Para desenvolver o estudo acerca dessas inquietações, utilizaram-se aportes teóricos voltados ao tema, com destaque para autores como Wallon (2007), Vygotsky (2008) e Winnicott (2008), dentre outros. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, e os instrumentos de pesquisa foram: observações, anotações em diário de campo e fotografias, para, desta maneira, interagir e se aproximar do problema proposto. A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola da rede pública de Educação Infantil, em um município situado no Vale do Taquari/RS/BR, em uma turma composta por bebês de 04 a 18 meses de idade, nomeada Berçário I. A partir das análises e resultados foi possível perceber a importância das relações afetivas entre professora e bebês e a forma como elas fazem a diferença no crescimento e desenvolvimento dos bebês, evidenciando, assim, que as relações de afetividade entre ambos no espaço escolar são significativas, pois as trocas que ocorrem são a base inicial para o desenvolvimento dos bebês. Essas trocas são permeadas de marcas e conquistas, que fazem com que a trajetória educacional seja rica em experiências capazes de contribuir para um desenvolvimento infantil alegre e potente.

Palavras-chave: Educação Infantil. Bebês. Relações de afetividade. Docência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antônio, 8 meses	26
Figura 2 - Augusto, 6 meses	26
Figura 3 - Diéferson, 5 meses	27
Figura 4 - Kaique, 11 meses	27
Figura 5 - Lorenzo, 1 ano e 1 mês	28
Figura 6 - Manuely, 8 meses	28
Figura 7 - Maria Eduarda, 10 meses	29
Figura 8 - Marina, 4 meses.....	29
Figura 9 - Matias, 4 meses	30
Figura 10 - Paola, 6 meses	30
Figura 11 - Pietra, 10 meses	31
Figura 12 - Rayssa, 8 meses.....	31
Figura 13 - Tauana, 5 meses	32
Figura 14 - Professora alimentando Rayssa	33
Figura 15 - Professora alimentando Diéferson	35
Figura 16 - Estagiária alimentando Marina em seu colo	36
Figura 17 - Estagiária realizando higienização em Kaique.....	38
Figura 18 - Professora trocando a fralda de Kaique	39
Figura 19 - Estagiária acalmando Lorenzo do choro	41
Figura 20 - Professora embalando Augusto para dormir.....	43
Figura 21 - Marina dormindo no berço	44
Figura 22 - Bebês deitados para dormir	45
Figura 23 - Professora e Augusto brincando na piscina de bolinhas.....	46

Figura 24 - Professora segurando a mão da Paola para ela brincar na bola	47
Figura 25 - A professora interagindo com Kaique	47
Figura 26 - Professora e Augusto brincando com a garrafa.....	48
Figura 27 - Professora brincando com os bebês no chão	49

SUMÁRIO

1 O INÍCIO DA CAMINHADA	8
2 PERCURSO METODOLÓGICO	12
3 RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL	18
3.1 Afetividade nas relações escolares	20
3.2 Contribuições de Wallon e Vygotsky acerca da afetividade	22
4 EM BUSCA DE RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS EM UMA TURMA DE BERÇÁRIO.....	25
4.1 Os bebês envolvidos na pesquisa	26
4.2 Momentos da alimentação dos bebês	32
4.3 Os cuidados com a higiene dos bebês	37
4.4 O choro dos bebês	40
4.5 Momento de sono dos bebês	42
4.6 Relações e trocas nas situações de aprendizagem	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES	56
APÊNDICE A – Termo de anuência para a Direção da Instituição de Ensino.....	57
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a professora.....	58
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis pelos bebês.....	59

1 O INÍCIO DA CAMINHADA

Manter relações de afetividade com as pessoas que nos cercam e que, de algum modo, fazem parte da nossa vida ou do nosso cotidiano faz parte da natureza de todo ser humano, o qual se expressa e constrói relações com o mundo. Também os bebês¹ integram-se a este processo desde o seu nascimento e, por isso, é interessante que estejam cercados de ambientes e momentos que propiciem essas relações de afetividade para, assim, sentirem-se acolhidos, protegidos, seguros e, acima de tudo, respeitados ao se expressarem.

No espaço escolar – mais precisamente no ambiente de uma sala de aula, onde as crianças, na sua grande maioria, passam a maior parte do seu dia, muitas vezes quando ainda são bebês, portanto, com professores e colegas que fazem parte do mesmo contexto –, ocorrem muitas relações de afetividade. Durante esse tempo e nesse espaço, expressões de sentimentos, emoções e variadas sensações são postas em evidência, tais como amor, carinho, raiva, ódio, descontentamento, tristeza e assim por diante. Sendo assim, esses fatores também participam da rotina escolar, tanto das crianças como dos professores. E, desde o primeiro contato com a escola, geralmente quando ainda bebê, a criança já se depara com esse contexto que, daí por diante, passa a fazer parte do seu cotidiano e do de sua família. Pensando nesse cenário, defini como tema da presente pesquisa a relação de

¹ Fundamentada no documento do MEC – Ministério da Educação: “Práticas cotidianas na Educação Infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares” (2009) –, considero bebês, neste trabalho de pesquisa, crianças entre a faixa etária de 0 a 18 meses.

afetividade entre professora² e bebês.

Falar da afetividade no campo educacional sempre despertou o meu interesse e gerou curiosidade. Como aluna no curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, cursando disciplinas, realizando práticas e pesquisas em que somos direcionados e instigados a pensar sobre várias temáticas voltadas à educação, em poucos momentos deparei-me com essa discussão. Foi durante algumas disciplinas já estudadas até o momento que tomei um gosto especial pela Educação Infantil, especialmente pelo estudo da faixa etária que abrange os bebês, e comecei a pensar questões acerca dessa primeira e tão importante etapa das crianças na escola. Algumas dessas disciplinas que me fizeram refletir sobre as questões aqui abordadas e problematizá-las foram as seguintes: Estudos da Infância I, ministrada pela professora Dra. Cláudia Inês Horn; Ações Docentes em Educação Infantil I, também ministrada pela professora Dra. Cláudia Inês Horn; e Ações Docentes em Educação Infantil II, ministrada pela professora Dra. Jacqueline Silva da Silva.

A partir daí, percebi a necessidade de estudar de forma mais aprofundada as questões referentes à temática, por considerar o assunto de grande valor no âmbito da sala de aula, nas relações que se constroem nos ambientes educacionais, desde a mais tenra idade. Além disso, esses questionamentos me levaram a fortes inquietações sobre como as relações de afetividade entre professora e bebês acontecem nessa primeira fase educacional, a da Educação Infantil, quando, pela primeira vez, o bebê se desprende do ambiente familiar. Outro fator determinante foi desenvolver meu trabalho profissional como estagiária em uma turma nomeada “Berçário”, composta por bebês entre a faixa etária de 04 a 18 meses, em uma Escola Municipal de Educação Infantil situada no Vale do Taquari/RS/BR, deparando-me, ou até esbarrando, pode-se dizer, diariamente, com o assunto desta pesquisa, sendo este mais um motivo para aprofundar os meus estudos. Assim, defini o seguinte problema de pesquisa: De que modo ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade?

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394), aprovada no

² Ao longo deste trabalho, farei uso do termo professora no feminino, pelo fato de todo o processo da pesquisa estar envolvido com a investigação de professoras. Além disso, sabe-se que a atuação no campo da Educação Infantil dá-se na maioria das vezes, por profissionais do sexo feminino.

ano de 1996, encontramos algumas pistas para pensar sobre o que propõe a presente pesquisa. Em seu art. 29, ao estabelecer que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996), ela nos convida a refletir sobre o objeto desta pesquisa. Analisando o documento legal de âmbito nacional, notamos o quanto é importante considerar o desenvolvimento integral das crianças, que, muitas vezes, inicia na escola quando ainda bebês. Nesta integralidade humana que se destaca, encontramos diversos aspectos, e vale ressaltar aqui o das emoções, um dos constituintes humanos.

Nesse sentido, encaminhou-se a investigação sobre as relações de afetividade entre professora e bebês na turma observada, conhecendo e descrevendo como elas acontecem. Constituindo, assim, o objetivo geral deste estudo investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade na etapa da Educação Infantil. E tendo como objetivos específicos:

- a) Conhecer como ocorrem as relações de afetividade entre a professora e os bebês;
- b) Descrever como os bebês criam e sustentam vínculos afetivos com a professora.

Sabe-se que as relações humanas, atualmente, cada vez mais vêm sendo postas em discussão, abordando de que maneira acontecem e o que trazem de positivo ou negativo para os seres humanos. A sociedade está em constante e acelerado movimento; os sujeitos estão sempre em atividade para ir em busca, ou melhor, ao encontro de prover suas necessidades vitais e sociais. Nota-se que “a vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada” (BAUMAN, 2009, p. 9). Na sociedade atual, as pessoas estão constantemente envolvidas, ocupadas, atarefadas e sentem que precisa ser dessa forma mesmo, para poderem viver nela e sobreviver.

Devido a isso, surgem alguns fatores como, por exemplo, famílias terem que sair para trabalhar e não terem com quem deixar seu bebê, e tal atitude muda a

configuração na maneira de a família se relacionar e se organizar cotidianamente. Percebemos essas mudanças na base das vidas iniciadas, que são os bebês. Eles dependem de seus pais para sobreviver, portanto precisam se adaptar a esses fatores que constituem a atualidade, conforme mencionado acima. E as crianças, quando ainda bebês, precisam entrar o quanto antes na engrenagem da vida líquida. Bauman (2009, p. 7) explica que tudo o que cerca o indivíduo “[...] não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo”, ou seja, o ser humano precisa revigorar-se, renovar-se, ir em busca sempre. Não é possível ele ficar estático por muito tempo, pois, se for assim, estará fugindo das regras desta sociedade e estará desajustado ao que é dito como certo e cabível.

Sendo assim, o presente estudo se volta para o campo educacional especialmente, fazendo reflexões acerca das relações de afetividade entre professora e bebês no contexto de uma sala de aula de bebês com idade entre 04 e 18 meses. Da mesma forma, constitui uma possibilidade de pensar as relações de afetividade presentes na vida das pessoas e, de forma especial, no ambiente escolar. Por fim, este estudo deve contribuir para a trajetória profissional a ser percorrida posteriormente na área em que me encontro em formação. Além disso, poderá contribuir para o campo da educação no que tange às relações de afetividade no campo educacional, principalmente na área da Educação Infantil.

A presente monografia está estruturada da seguinte maneira: no segundo capítulo, contempla a metodologia utilizada na investigação; no terceiro capítulo, encontram-se os aportes teóricos sobre a afetividade em âmbito educacional; no quarto, apresentam-se os dados gerados pela pesquisa; e, por fim, no quinto capítulo, estão as considerações finais depois da análise dos dados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

No estudo em questão, fiz uso de uma abordagem de cunho qualitativo. A pesquisa teve por intuito a análise de um recorte de uma realidade, e não a busca por números com exatidão para dizer algo. Ela objetivou investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês com idade entre 04 e 18 meses, que se encontram, efetivamente, na etapa da Educação Infantil. Para tanto, fez-se necessário juntar aspectos que demonstrassem e apontassem direções para, assim, compreender e construir possíveis respostas acerca do problema investigado na pesquisa. Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 21) afirmam que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. A partir desse pressuposto, segui a investigação, por ela abordar um recorte de uma realidade. Ainda com relação a esse aspecto, Minayo, Deslandes, e Gomes (2008, p. 61) relatam:

*O trabalho de campo*³ permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer (sic), uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2008, p. 61).

Tendo, pois, um caráter social, fez-se necessária essa aproximação com os atores principais, que são os bebês e a professora em sala de aula, para poder, desse modo, interagir e se aproximar do problema proposto. Explico isso apoiada em Graue e Walsh (2003):

³ Grifos dos autores.

Estudar as crianças – para quê? Eis a nossa resposta: Para descobrir mais. Descobrir sempre mais, porque, se o não fizermos, alguém acabará por inventar. De facto, provavelmente já alguém começou a inventar, e o que é inventado afecta a vida das crianças; afecta o modo como as crianças são vistas e as decisões que se tomam a seu respeito (GRAUE; WALSH, 2003, p. 12).

Os procedimentos técnicos utilizados foram de uma pesquisa de campo, já que o estudo foi realizado em um grupo escolar de bebês, na faixa etária de 04 a 18 meses de idade, em uma escola pública de Educação Infantil, situada no município de Forquethina/RS/BR, localizado no Vale do Taquari. Ao procedimento, agregaram-se fotografias e observações acompanhadas por um diário de campo. Foi realizada uma observação contínua durante uma semana, totalizando cinco dias consecutivos. O tempo de observação de cada dia foi de quatro horas, das 7h às 11h.

Ao longo das observações, acompanhei as explorações dos bebês com sua professora e a estagiária, nos diferentes espaços que frequentam em sua escola, tais como a sala de aula, pátio, sacada (espécie de solário) e brinquedoteca. Entrei no espaço da sala de aula e dos demais ambientes que estes bebês frequentam, com o intuito de observar, registrar no diário de campo e fotografar situações em que estivessem presentes as relações de afetividade entre a professora e os bebês.

Optei por observar, pois, como Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 70) destacam, “o observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, [...]”. Dessa maneira, pude me aproximar do campo da minha pesquisa, o que me fez estar em contato direto com o objeto de minha busca. Além disso, tive sempre comigo o diário de campo, que foi meu mais íntimo confidente e no qual anotei tudo que observei e captei durante minha observação, como uma forma de registro instantâneo e imediato para que eu pudesse analisar detalhadamente como realmente o fato descrito ocorreu.

Conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 71), “o principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações [...]”. Essas informações foram fundamentais para o desenvolvimento das reflexões que auxiliaram na construção desta pesquisa. Bogdan e Biklen (1994, p. 150) ainda acrescentam que o diário de campo é “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha refletindo sobre

os dados de um estudo qualitativo”. Dito de outra forma, tudo o que foi visto e experienciado através do olhar foi relatado nesse diário; portanto, as escritas do diário foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Destaco, ainda, quanto à observação, a consideração sobre como uma professora pode vir a se beneficiar através de uma observação, amparada pelas autoras Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009, p. 13): “Aprendemos sobre as crianças ao observá-las de forma cuidadosa, ao escutá-las e ao estudar o seu trabalho”. Por isso, a observação atenta e criteriosa foi o ponto de partida para a pesquisa, já que, conforme vimos, com ela pode-se constatar muitas aprendizagens acerca das crianças e, desse modo, evidenciar possíveis aspectos que possam vir a acrescentar no seu desenvolvimento. As mesmas autoras ainda explicam que “cada momento de observação fornece informações que você pode usar para ajudar a criança a crescer e a aprender” (JABLON; DOMBRO; DICHELMILLER, 2009, p. 67). E é nesta direção que a pesquisa se encaminhou: poder encontrar elementos que contribuam de forma potente para o desenvolvimento dos bebês na Educação Infantil.

Além disso, a pesquisa contou com o uso de captação de imagens através de fotografias. Sobre isso, Bogdan e Biklen (1994, p. 189) explicam: “[...] as fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspeção intensa posterior que procura pistas sobre relações e atividades”. Sendo assim, considerei de fundamental importância utilizar esse recurso, uma vez que, através das imagens fotografadas em campo, pude verificar possíveis rastros, fazer reflexões e apresentá-las ao leitor de forma concreta, o que clareia o entendimento. Bogdan e Biklen (1994, p. 191) ainda complementam: “As fotografias não são respostas, mas ferramentas para chegar às respostas”. A partir desse direcionamento, usei as fotografias como um meio de entender e enxergar, a partir do registro delas, aspectos acerca do tema da pesquisa.

Para dar início aos procedimentos da pesquisa empírica, entreguei Termo de Anuência para a direção da escola (ver APÊNDICE A) e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para a professora e a estagiária da turma (ver APÊNDICE B) e para os responsáveis pelos bebês (ver APÊNDICE C) a fim de esclarecer aos sujeitos envolvidos na investigação que os dados colhidos serviriam para reflexão e

esclarecimento para o problema de pesquisa elencado neste estudo. Dessa maneira, fica evidente que os procedimentos que envolveram a pesquisa foram devidamente éticos e respeitaram todos os envolvidos, sem nenhum prejuízo moral. Afinal, como destacam Graue e Walsh (2003, p. 76), “entrar na vida das outras pessoas é ser-se um intruso. É necessário obter permissão, permissão essa que vai além da que é dada sob formas de consentimento. É a permissão que permeia qualquer relação de respeito entre as pessoas”.

Para a exposição das observações, das anotações no diário de campo e das fotografias na análise, fiz uso do nome real dos envolvidos e imagens sem borramento ou tarjas no seu rosto. Acredito ser importante proceder dessa forma, visto que, segundo Kramer (2002, p. 42):

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a idéia⁴ central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção (KRAMER, 2002, p. 42).

Com toda a cautela que se faz necessária, utilizei os dados recolhidos, porém dei ênfase à autoria real dos bebês e das professoras envolvidas, bem como da escola em que ocorreu todo o processo, por considerar esses dados valiosos e, usados desta forma, ainda mais produtivos. Ressalta Kramer (2002, p. 51):

[...] a criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes (KRAMER, 2002, p. 51).

Da mesma maneira, os rostos estão sendo mostrados, pois os constituem. Pode-se optar por essa forma, já que foi realizado todo um procedimento ético solicitando a cada participante a autorização necessária e cabível para que fosse assim e utilizou-se cada um de forma respeitosa. A mesma autora ainda explica:

Como os nomes, os rostos e as ações constituem o sujeito: somos sujeitos da cultura visto que marcamos a história, mudamos a natureza, agimos sobre as coisas. Essas marcas têm nome, rosto, sentidos. Um procedimento ético fundamental tem sido o de consultar pessoas fotografadas ou filmadas, solicitando sua autorização e indagando às pessoas que mostram seu rosto e o deixam fixar, na imagem, se essa imagem pode ser impressa, projetada, vista como texto (KRAMER, 2002, p. 52).

⁴ Optei, neste trabalho, por manter, nas citações literais, a grafia original, sem atentar ao Novo Acordo Ortográfico.

A pesquisa foi ética e respeitosa, assim como já mencionado, levando em consideração a privacidade dos envolvidos em cada situação que se perpetuou, valendo-se do direito apenas de utilizar os dados recolhidos para a presente investigação e utilização para fins educacionais. Durante toda a trajetória, foi levado em conta o fato de que “um investigador humilde que respeite as crianças que o recebem como uma pessoa inteligente, sensível e desejosa de ter uma vida confortável terá um comportamento ético em relação a elas” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 77). Portanto, todo o processo se fez com precaução, e o sigilo e o respeito operaram a cada instante, visto que “Temos de respeitar a privacidade dos outros. Devemos tratar com cuidado questões como o anonimato e a confidencialidade” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 81). Foram esses, portanto, os operantes de todo o processo da investigação.

A escola de Educação Infantil em que ocorreu a investigação, situa-se no município de Forquethina/RS/BR e é nomeada Escola Municipal de Educação Infantil Brincar Construindo. A turma em que se desenvolveu a pesquisa foi de bebês com faixa etária entre 04 e 18 meses de idade, nomeada Berçário I, composta por 13 bebês, dos quais seis são meninos e sete são meninas. À frente desta, estavam uma professora, formada em Pedagogia, e uma estagiária, estudante do curso de graduação em Pedagogia. O papel da professora é mais voltado ao planejamento e organização das aulas, enquanto o da estagiária é auxiliar nas questões que envolvem principalmente a rotina, mas também tudo que envolva a turma do Berçário I.

A observação foi organizada de maneira que cada dia ficasse centrado em um ponto diferente: na segunda-feira, o foco foi observar a alimentação; no dia seguinte, as situações envolvendo o choro; na quarta-feira, o elemento central foi a observação das situações de aprendizagem; na quinta-feira, as situações relacionadas ao sono; e, na sexta-feira, os aspectos que envolviam a higiene. É importante ressaltar, entretanto, que, dentro desse cronograma pré-estabelecido, eu estava ciente de que, se eu me deparasse com algum aspecto que não fosse o foco do dia, mesmo assim eu o levaria em consideração. Afinal, tudo que pudesse ser captado contribuiria de algum modo para a investigação.

De tudo que estava previsto no planejamento inicial da pesquisa empírica,

algumas combinações tiveram que ser revistas. Como a temperatura durante a semana de observação, foi de bastante frio, a professora e a estagiária praticamente não conseguiram sair da sala de aula com os bebês e frequentar outros espaços como de costume, quando o tempo colabora. Desse modo, a maior parte do tempo da semana em que se efetivou a observação, teve que ser passado no espaço da própria sala de aula dos bebês.

O aceite dos bebês foi um processo vagaroso e sensível. Entrei ao espaço da sala de aula deles e pouco a pouco a aproximação foi ocorrendo. Sorrisos mais fechados surgiram e aos poucos foram tomando lugar balbucios e sorrisos largos nas nossas trocas de olhares e pequenos diálogos. Uns bebês se “soltaram” de maneira mais rápida, outros nem tanto, mas cada um no seu tempo, e foi assim, sem forçar nenhuma situação. As observações se tornaram algo agradável para ambas as partes, gerando uma sintonia. Criou-se uma proximidade, em que estávamos inteirados uns com os outros, como se eu não fosse apenas uma mera estranha, mas alguém que estava ali fazendo parte do contexto em que eles estavam inseridos no decorrer dos dias da semana, enquanto seus pais ou responsáveis estavam em afazeres e os deixavam ali. Também, as fotografias chamaram a atenção deles. Percebeu-se, em vários registros, que o olhar se voltou à lente da câmera.

Para efetuar a análise de todos os dados colhidos, foram necessários alguns procedimentos para separação, organização e posteriores reflexões e compreensões. De início, para a separação, as fotografias foram elencadas em cinco diferentes grupos, separados por pastas no computador: choro, alimentação, sono, cuidados com a higiene e situações de aprendizagens. Para as anotações no diário de campo, que foram repassadas para um documento virtual, os mesmos grupos citados nas fotografias foram destacados em legenda. E para a distinção de cada um, selecionou-se uma cor.

3 RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O dicionário Aurélio assim define a palavra “afetividade”: “Psicologia: Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual” (FERREIRA, 2010, [s.p.]). Sendo assim, entende-se afetividade como um conjunto de manifestações de diferentes expressões, que abrange sentimentos, emoções e sensações. Além disso, pode vir a se mostrar de maneira positiva ou negativa nas relações, pois é algo que afeta o indivíduo, muitas vezes de forma mais racional e, outras, de uma forma mais emotiva. É através dessas manifestações que nos relacionamos com o mundo que nos cerca. Pode-se dizer, pois, que o corpo é o canal de comunicação com o mundo e demarca o caráter individual de cada sujeito.

Dessa maneira, mostra-se a força e potência das relações de afetividade entre os sujeitos, sendo algo presente na vida de todos os seres humanos, ou melhor, faz parte da constituição do ser humano. Isso porque, de uma forma ou de outra, em cada momento se está manifestando uma forma de ver e sentir os fatos, as situações, os momentos e as atitudes e tudo que faz parte do dia a dia e da vivência em sociedade de cada indivíduo.

Atualmente, na sociedade, segundo Bauman (2009), as relações se mostram mais líquidas, seja com as coisas, as atitudes, enfim, no contexto de vida por inteiro. Estamos correndo contra o tempo e queremos alcançar tudo o que for possível. Em função disso, as relações com o próximo nos afetam, já que as pessoas estão sempre incertas e na busca inacabada pelas coisas. Bauman (2009, p. 8) ressalta ainda: “em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de

incerteza constante”. Podemos notar isso nitidamente no contexto atual das famílias. Geralmente elas planejam filhos, mas, ao mesmo tempo em que precisam e os desejam, querem também continuar normalmente sua vida social, que engloba o trabalho, os negócios, a necessidade e a realização pessoal. Por isso, as mães começam a deixar seus filhos cada vez mais cedo com outras pessoas, em outros espaços, para poderem, assim, ir à busca desses desejos, sem interrupção alguma. Esse espaço em que as crianças são deixadas é o da escola, na maioria dos casos, e as pessoas, portanto, são as professoras.

Fica evidente, dessa maneira, que a criança, desde que nasce, é inserida na sociedade, depara-se com um mundo novo; e as relações e formas de se expressar são fatores essenciais desde esse momento. Em outras palavras, o primeiro contato é geralmente com a família, e o próximo, na maioria das vezes, com todo o contexto da escola e com uma determinada professora, no espaço de uma sala de aula, especificamente.

Pensando acerca dessas questões, tornou-se importante verificar aspectos que pudessem ajudar a pensar sobre as relações de afetividade, as quais envolvem os bebês desde o início de suas vidas. Para tanto, apresento as palavras de Winnicott e Cabral:

Quando digo que a vida começa imediatamente, admito que, no início, a vida adquire uma forma bastante restrita, mas a vida pessoal do bebê certamente começou na época do nascimento. Esses estranhos hábitos dos bebês dizem-nos que existe na vida deles algo mais do que dormir e ingerir leite, e algo mais do que obter satisfação instintiva de uma boa refeição. Esses hábitos indicam que já existe uma criança, vivendo realmente uma vida, acumulando e estruturando lembranças, formando um padrão pessoal de comportamento (WINNICOTT; CABRAL, 1999, p. 21).

Assim, é necessário dar-se conta de que, desde que o bebê nasce, pulsa nele uma vida, ele é um ser humano, o que vai além de ter apenas necessidades básicas de comer e dormir, visto que ele constrói e manifesta comportamentos que o vão estruturando como indivíduo. Essas manifestações devem estar amparadas por alguém que possa colaborar e tenha compromisso com a formação deste pequeno ser e, desde o seu princípio, o ampare e lhe mostre como “encarar” o mundo em que foi inserido. Na natureza, quem normalmente faz este papel, primordialmente, é a mãe, mas vale ressaltar que não necessariamente, e que isso não é uma regra, pois às vezes, por alguma circunstância, é outro adulto que vai assumir este papel de

mediação e de amparo com o bebê. Winnicott (2008, p. 17) salienta: “para que os bebês se convertam, finalmente, em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, dependem totalmente de que lhes seja dado um bom princípio [...]”. O autor deixa claro que, para converter os bebês em pessoas amadurecidas e suficientemente sabedoras de como conviver e viver de forma benéfica na sociedade, é fundamental oferecer-lhes uma base inicial potente, convertida em princípios significantes.

Esta seção teve por objetivo mostrar a importância das relações de afetividade para o bebê e o quanto essas relações são definidas como essenciais para que ele se desenvolva de uma maneira saudável. Entretanto, sabemos que, atualmente, os bebês nem sempre têm a oportunidade de conviver em tempo integral com sua família e, desde muito cedo, já precisam frequentar a escola. E, nessa instituição, é a professora que vai acompanhar e mediar o desenvolvimento em relação a esse bebê.

3.1 Afetividade nas relações escolares

Considerando a afetividade como um dos importantes aspectos humanos, buscou-se embasamento que sustentasse essa ideia. Para entender esse assunto no contexto escolar, apresento as reflexões de Rossini (2004), a qual explica por que a afetividade se faz importante no processo escolar:

Porque é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo, cultura (ROSSINI, 2004, p. 16).

A afetividade, portanto, é um processo fundamental na vida dos sujeitos. Ela constitui a base para tudo que se passa na vida em sociedade e, independente de quem for, do que tem e do que é, essa é uma regra válida para todos. Rossini (2004) ressalta que os professores têm um papel importante nesse processo:

Nosso desafio será acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem esquecer que temos em mãos seres humanos em formação. Precisamos de uma educação mais humanista, voltada para o ser humano em suas características de um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção (ROSSINI, 2004, p. 13).

Ela declara que, mesmo que vivamos em uma sociedade transbordante, que está aceleradamente se desenvolvendo nos aspectos “técnicos”, avançando no quesito tecnologia, é necessário acompanhá-la. Contudo, precisamos lembrar que esses seres estão em formação, e é fundamental que sejam levados em consideração em seu todo, de uma forma integral, pois é assim que se constitui um sujeito pleno. Ele se compõe intelectual, física e, principalmente, psicologicamente, ou seja, é um ser com sentimentos, que precisam ser considerados da mesma maneira como todo o restante. Em relação a esse fator, a autora ainda assinala:

Portanto, devemos sempre estar atentos às características e aos fatos da nossa sociedade, lembrando que, quando recebemos uma criança à porta da sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciou, assimiladas ou não, bem elaboradas ou não (ROSSINI, 2004, p. 17).

É imprescindível entender que o bebê traz consigo experiências que precisam ser respeitadas. Consequentemente, a docente deve demonstrar ao bebê que está atenta a essas experiências que ele traz consigo e que são tão importantes em sua vida. Esses detalhes podem ser bons ou ruins, mas necessitam de atenção, de um olhar aguçado. Por conseguinte, cada detalhe é valioso e potente nas relações educacionais que se farão desde o momento em que o bebê chega, entra e se torna um componente do espaço da sala de aula. Entendemos, então, que a professora tem o papel de amparar e mediar o desenvolvimento e crescimento das crianças com quem tem relação no espaço da escola.

Nesta seção, pudemos perceber a importância do olhar sensível e atento de uma professora quando o bebê passa a “habitar” sua sala de aula. Essa profissional deve dedicar-se para que consiga, generosamente, auxiliar o bebê a enfrentar e percorrer a trajetória que inicia na escola. A docente deve auxiliá-lo para que o espaço da sua sala de aula ofereça condições e seja um ambiente respeitoso que lhe passe segurança, um ambiente no qual seja possível se expressar e demonstrar seus sentimentos, mostrando, assim, que a relação de afetividade é um aspecto que ganha espaço em suas práticas escolares. Nesse sentido, para embasar ainda mais esses quesitos, busquei estudos em autores clássicos que trazem contribuições no que diz respeito ao campo da afetividade: Wallon e Vygotsky.

3.2 Contribuições de Wallon e Vygotsky acerca da afetividade

Wallon e Vygotsky abordam conceitos e teorias, trazendo contribuições para o campo da educação, porém o foco desta análise ficou em torno das suas contribuições sobre as relações de afetividade. Assim, foram selecionadas as ideias que os autores apresentam em relação à temática da pesquisa, mas sabe-se que seus estudos são amplos e abordam outras questões⁵, também relevantes para o campo da educação.

Wallon (2007), teórico que contribuiu no trabalho sobre afetividade, em especial no ambiente escolar, apresenta considerações importantes para reflexão. Segundo seu entendimento, existem quatro níveis funcionais, sendo um deles a afetividade. O autor considera as emoções das crianças como algo primordial, principalmente no começo da vida delas. Trata a afetividade como a maior dimensão no que diz respeito aos afetos, visto que atinge os sujeitos em uma perspectiva que vai além do amor e do carinho e alcança as diferentes emoções que um humano pode sentir, como raiva, ódio e tristeza, por exemplo. Além das necessidades naturais de qualquer ser, Wallon (2007) reafirma também que o ser humano é formado pelas emoções, através das quais ele se compõe durante toda a sua vida.

Em relação às crianças, ele explica que

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação. Atitudes e situação correspondente se implicam mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir que é de tipo arcaico e frequente na criança (WALLON, 2007, p. 121).

Em outras palavras, ele ressalta que as emoções geram atitudes, sendo esta a forma de reação das crianças. Toda atitude está interligada a alguma emoção da criança, e tudo depende da situação que corresponde a determinada ocasião. Afirma também que isso acontece em âmbito geral. Portanto, desde bebês, as crianças desenvolvem essas atitudes através das suas reações em cada ação ocorrida.

Wallon (2007, p. 122) salienta ainda que “é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental

⁵ Wallon estudou os estágios por que as crianças passam, denominando-os respectivamente de Impulsivo-motor, Sensório-motor e projetivo, Personalismo e Categorical; Vygotsky desenvolveu estudos sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, desenvolvendo conceitos denominados instrumentos e signos e pensamentos-chave como interação, mediação, internalização.

uma ação determinante”. Mais uma vez, percebe-se que as influências afetivas, desde o berço, agem sobre as atitudes e reações das crianças. Dessa forma, conseguimos entender que, quando um bebê chora, por exemplo, por se sentir inseguro com a situação que está enfrentando, ele já sente medo e insegurança. É uma reação que ele está tendo, reação como consequência de uma situação que exerce influência para ele se sentir assim.

Para complementar as ideias desse teórico, apresento também Vygotsky, que não se refere diretamente à escola, mas atrai olhares para essa direção, pois valoriza a escola, os aspectos do professor, evidenciando o papel do outro na construção do sujeito. Vygotsky (2008) salienta que o homem é um organismo vivo, portanto, constituído por modos de agir e pensar, isto é, constituído psicologicamente.

Vygotsky ressalta que aquilo que parece individual em um ser humano é, na verdade, resultado da sua relação com o outro. Explica que suas características individuais estão diretamente ligadas à troca com o coletivo e, se não fosse assim, os humanos não se desenvolveriam com tanta potencialidade. Em relação a esses fatores, ele enfatiza que, “antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento” (VYGOTSKY, 2008, p. 12).

Quanto à escola, Vygotsky (2008) entende que o professor é o mediador entre a criança e o mundo, parceiro da sua caminhada, que ajuda a criança a interagir com os outros, o que a faz atingir o que lhe é de direito e, dessa forma, alcançar o melhor do seu potencial. O autor pressupõe que, a partir de relações e interações com outras pessoas, vão se dando as experiências, que são fundamentais para o crescimento do ser humano como ser social. Pode-se entender, contudo, que ele acredita que o contexto histórico influencia o comportamento humano e que tudo depende da experiência social. Entende, assim, que o ser humano precisa do outro e que ninguém pode viver sozinho, construir-se por si só.

Para uma compreensão dos estudos realizados acerca da temática desta pesquisa, chega o momento de ir a campo para juntar dados para análise da

pesquisa. Desse modo, apresentamos os resultados advindos da pesquisa empírica, realizada na escola pública de Educação Infantil, na turma do Berçário I. Neste trecho, encontram-se as reflexões e análises dos dados produzidos durante a trajetória de cinco dias em que estive acompanhando, durante todas as manhãs, por quatro horas diárias, o cotidiano escolar da referida turma com a professora e a estagiária. A professora do Berçário I é concursada como educadora infantil e já vem atuando há alguns anos na área da Educação Infantil. A estagiária, estudante de Pedagogia, é contratada via estágio não obrigatório, através da Secretaria Municipal da Educação (SMED), e recebe contrato de no máximo 24 meses.

Para a análise, a produção dos dados foi dividida em alguns grupos, que estão apresentados em subcapítulos, nos quais discorro sobre minhas percepções, apoio teórico e o que foi visto na prática, estabelecendo, assim, uma triangulação dos dados para as reflexões.

As escritas do diário de campo são apresentadas em quadros e são descritas da maneira como aconteceram. As fotografias aparecem de duas maneiras – uma como forma de apresentação dos bebês que participaram da pesquisa, e outra apresentando aspectos relevantes para refletir sobre o tema da pesquisa. Ao final, ainda se encontram as considerações finais, com algumas preliminares, para se pensar depois de todo o percurso da investigação.

4 EM BUSCA DE RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS EM UMA TURMA DE BERÇÁRIO

Para começar as análises desta pesquisa, juntei todos os dados produzidos, que foram os seguintes: observações descritas no diário de campo e fotografias, com o propósito de encontrar situações em comum e poder uni-las, formando grupos. A forma utilizada para fazer as distinções entre os grupos, foram as cores e pastas virtuais. As cores identificaram as escritas do diário de campo: cada grupo foi legendado por uma cor diferente. As pastas virtuais foram nomeadas pelo próprio grupo, e foi onde foram separadas as fotografias.

Sendo assim, foram evidenciados cinco diferentes grupos que se fizeram presentes frequentemente nos registros realizados, e esses grupos estruturam o presente capítulo, organizados cada qual em uma seção. Na primeira, apresento os bebês envolvidos na pesquisa, na segunda, apresentam-se os aspectos relativos à alimentação e às relações de troca; na terceira seção, os cuidados com a higiene; a quarta discorre sobre questões relacionadas ao choro; a quinta, sobre o sono; e a última aborda as questões envolvidas com as situações de aprendizagem. Como sabemos, os bebês exigem alguns cuidados básicos a serem tomados para o seu bem-estar, mas, para este bem-estar estar amparado de forma plena, precisamos ter noção de que “no início da vida do bebê, fica mais evidente que o outro está associado aos cuidados físicos, porém, é impossível estabelecer uma separação entre o que é orgânico, simbólico e psíquico” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 33).

4.1 Os bebês envolvidos na pesquisa

Para início de conversa, apresento, na sequência, os bebês que participaram desta pesquisa. Os mesmos, são apresentados um a um, de forma individual, com seu nome próprio e com sua respectiva idade.

Figura 1 - Antônio, 8 meses⁶



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 2 - Augusto, 6 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

⁶ A idade dos bebês que está sendo mencionada é referente ao mês de agosto, mês em que foi realizada a pesquisa empírica.

Figura 3 - Diéferson, 5 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 4 – Kaique, 11 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 5 - Lorenzo, 1 ano e 1 mês



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 6 - Manuely, 8 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 7 - Maria Eduarda, 10 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 8 - Marina, 4 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 9 - Matias, 4 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 10 - Paola, 6 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 11 - Pietra, 10 meses



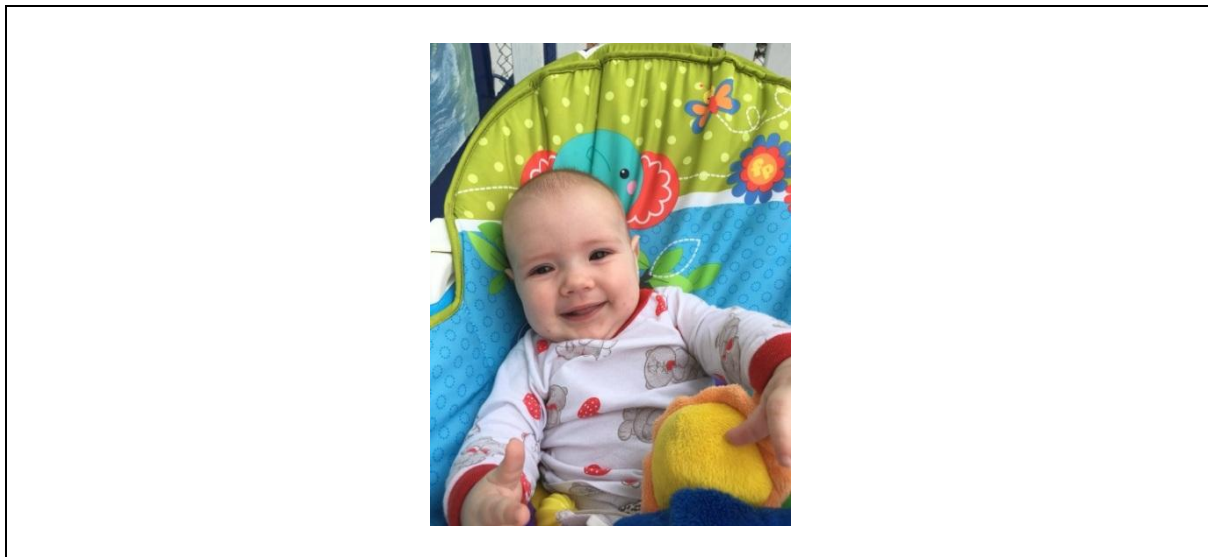
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 12 - Rayssa, 8 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 13 - Tauana, 5 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

4.2 Momentos da alimentação dos bebês

Em um dos grupos organizados, encontramos o da alimentação dos bebês, a qual se estabelece como uma das necessidades básicas da vida. Depois do aleitamento ou até mesmo com ele, os bebês iniciam essa experiência de provar, sentir o cheiro, o gosto dos alimentos e ir aprendendo durante a nutrição. A alimentação se faz essencial na análise da pesquisa, por duas razões: é um fator importante para a sobrevivência natural do sujeito e, principalmente, quando ela acontece, junto ocorre uma relação, uma troca entre o bebê e o adulto que o ajudará neste movimento que ele ainda não consegue fazer por conta própria. Goldschmied e Jackson (2006, p. 102) afirmam que

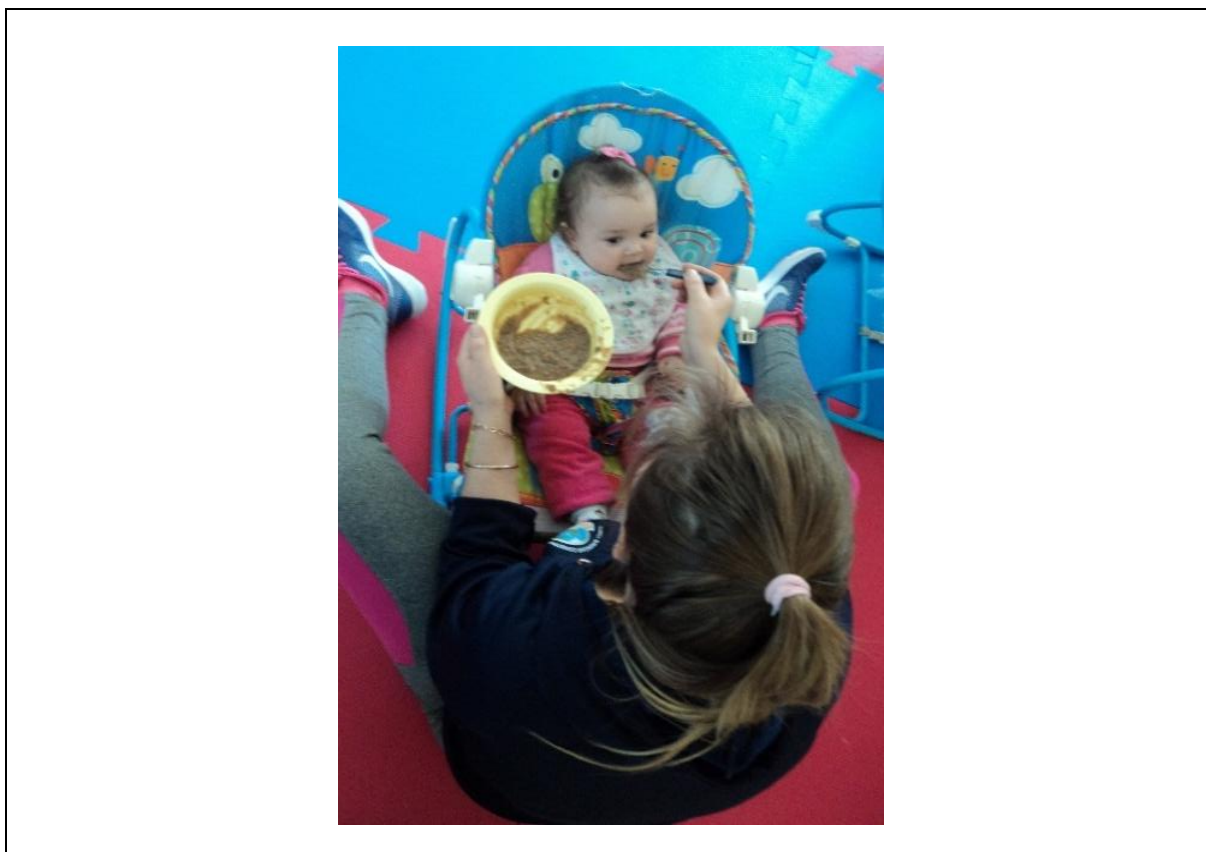
Alimentar o bebê constitui para ele a experiência basal. A alimentação significa para ele não somente a ingestão de alimentos, mas também a interação contínua com um adulto próximo, uma oportunidade para comunicação que contribui para todos os aspectos de seu desenvolvimento.

Sendo assim, a alimentação é um dos pontos essenciais que podem contribuir para o desenvolvimento dos bebês.

No espaço escolar, é a professora que se faz presente nesse momento das refeições. Portanto, é com ela que o bebê fará essas trocas e terá uma relação direta ao ser alimentado. Como explicam Bassedas, Huguet e Solé, “na escola das

crianças menores, as situações de alimentação são momentos em que ocorrem ([sic]), uma relação única e exclusiva entre o bebê e a educadora” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 150). A imagem apresentada a seguir representa o quanto, através deste contato direto, ocorre uma troca direta também.

Figura 14 - Professora alimentando Rayssa



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A partir da imagem, podemos perceber o quanto o bebê está realizando uma troca direta com sua professora. A docente atende exclusivamente Rayssa nesse momento tão importante, em que as duas trocam olhares e estão concentradas na situação pela qual estão passando.

O adulto que tem o papel de cuidador é o parceiro ativo, mas ele tem de responder delicadamente ao comportamento do bebê, respeitando seu ritmo, oferecendo a colher exatamente no momento em que der o sinal, abrindo os lábios, de que está pronto para receber mais comida (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2007, p. 103).

Diante disso, podemos entender como a professora, que é o adulto ativo na referida situação, precisa ter uma atenção durante o processo, uma atenção que respeite de forma sensível o tempo do bebê, atendendo-o conforme os sinais que

ele demonstra.

Essa atenção da professora também precisa estar presente em todos os momentos. Afinal, os bebês muitas vezes dão sinais quando ainda não seria exatamente o horário estipulado na rotina para comer. Por isso, a escuta e o olhar atentos da docente podem contribuir para o bem-estar dos bebês, pois, se ela perceber estes sinais, poderá atendê-los no momento necessário. Apresento um excerto do meu diário de campo⁷ que deixa transparecer o que quero dizer:

Matias estava deitado no chão explorando um livro de plástico. De repente começou a chorar. A professora logo disse que este choro dele era de fome. Ela preparou a mamadeira de leite e na sequência o pegou no colo e, sentada no chão da sala de aula mesmo, alimentou-o. Quando o bebê terminou de tomar seu leite, ela disse: “Vou segurar ele até arrotar!” (segurando-o de pé e massageando suavemente suas costas, esperou que o ato do arroto ocorresse para deitá-lo no chão da sala novamente).

(Excerto do diário de campo, 13/08/2018)

A partir da análise desse trecho, é possível perceber o quanto de atenção e escuta ocorrem na troca de relações do bebê com a professora. No momento do choro, a professora logo entendeu o que ele estava lhe comunicando. E o gesto da docente, de atender Matias de maneira cuidadosa, atendendo e respeitando sua necessidade de ser alimentado, gera um momento muito importante para o desenvolvimento do bebê. Ortiz e Carvalho (2012, p. 93) afirmam que “a experiência de ser segurado no colo e ao mesmo tempo ter o seio ou mamadeira para mamar, parece ser a primeira experiência significativa de uma criança”.

Na imagem a seguir, podemos identificar a significação que a relação entre professora e bebê representa. O bebê está recebendo a resposta ao seu estímulo e ao seu comportamento apresentado e identificado pela docente, um elemento que, além dos já mencionados, também faz com que o bebê crie um laço de confiança com o adulto que está junto dele no ambiente escolar em que se encontra

⁷ A partir daqui, serão apresentados excertos das anotações realizadas no diário de campo, com descrições de momentos observados durante a pesquisa empírica.

introduzido. Afinal, desta maneira, o adulto mostra que respeita e atende aos seus variados comportamentos.

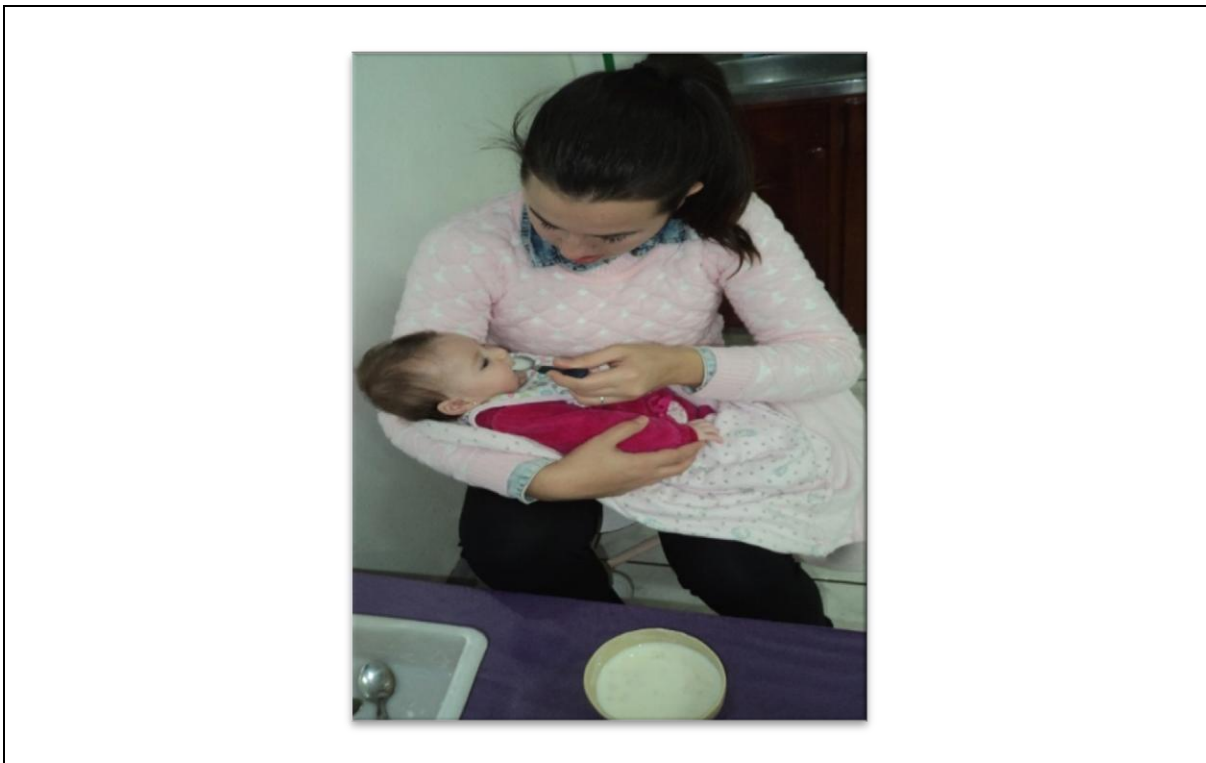
Figura 15 – Professora alimentando Diéferson



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Podemos destacar ainda que, além dessa relação de confiança, também se encontra a relação de segurança. Isso se evidencia no ato de a professora se preocupar em dar a mamadeira no colo, resguardando, assim, possíveis engasgamentos ou situações que prejudiquem o bebê de algum modo. Sobre o assunto, foi possível observar que, além de a mamadeira ser dada no colo, a professora, bem como a estagiária, estão atentas a oferecer outras refeições para os bebês que ainda não se sentam sozinhos. Podemos analisar essa prática na Figura 16:

Figura 16 – Estagiária alimentando Marina em seu colo



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A imagem explicita a segurança que a estagiária repassa para o bebê ao segurá-lo em seu colo para dar o lanche. Por isso, apoiada em Bassedas, Huguet e Solé (1999), acrescento:

Nos primeiros meses da vida da criança, as situações de alimentação são o eixo ao redor do qual se estruturam todas as demais atividades. Nesse período, os momentos de alimentação ocorrem a cada três ou quatro horas e, portanto, são situações que marcam profundamente a jornada escolar da criança pequena na creche (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 149).

Os momentos de alimentação são eixos centrais e um dos principais na vida dos bebês. Por isso, as atitudes da professora deixam marcas nas relações entre ela e os bebês, ainda mais porque as refeições ocorrem em períodos curtos de tempo entre uma e outra.

Como as refeições ocorrem seguidamente, outro fator marcante é a comunicação da professora com o bebê. Mesmo que a criança ainda não fale, ela já participa da situação durante o contato. No excerto destacado a seguir, pode-se notar isso:

Chega o lanche da manhã na sala de aula. A professora pega um pote e uma colher e inicia um diálogo com Pietra. – Pietra, vamos comer? É bolacha com leite! A menina olha para a professora, sorri e aceita instantaneamente.

(Excerto do diário de campo, 14/08/2018)

É nesta conversa direta com o bebê que ocorre mais uma relação afetiva significativa. A preocupação da professora em dizer ao bebê que agora seria o momento dela comer, e o que seria o alimento causa uma relação de confiança e respeito entre ambos. E o sorriso de Pietra demonstrou que a fala da professora fez sentido para ela. Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 150) enfatizam que essas relações, “além de satisfazer as necessidades de alimentação, elas representam uma situação de comunicação e relação privilegiada para a criança”, o que favorece positivamente os dois lados: bebê e professora.

Outro fator preponderante nos momentos em que ocorrem as refeições é que “o clima criado em volta dessas situações é importante para que elas sejam estáveis, relaxantes, tranquilas e tornem-se contextos comunicativos de participação conjunta e de diálogo entre a professora e a criança” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 150). Dessa forma, irá gerar ainda mais significados para o bebê, para seu desenvolvimento pleno.

4.3 Os cuidados com a higiene dos bebês

Sabe-se o quanto os cuidados com a higiene são importantes e necessários na vida dos seres humanos. E para os bebês não é diferente, pois é a fase de início, em que estão aprendendo como isso deve ocorrer e como fazemos para ter cuidados básicos com o corpo.

Na Educação Infantil, esse movimento de cuidar do corpo e da sua higiene vem à tona. Os bebês, seres ainda dependentes, passam por esse cuidado de uma forma que acaba tendo um contato direto com o outro, ou seja, com a pessoa que toma esses cuidados por eles, que ainda não têm autonomia de fazê-lo. Nesse

sentido, mostro a seguir uma imagem de uma situação registrada que tem relação com essa questão:

Figura 17 – Estagiária realizando higienização em Kaique

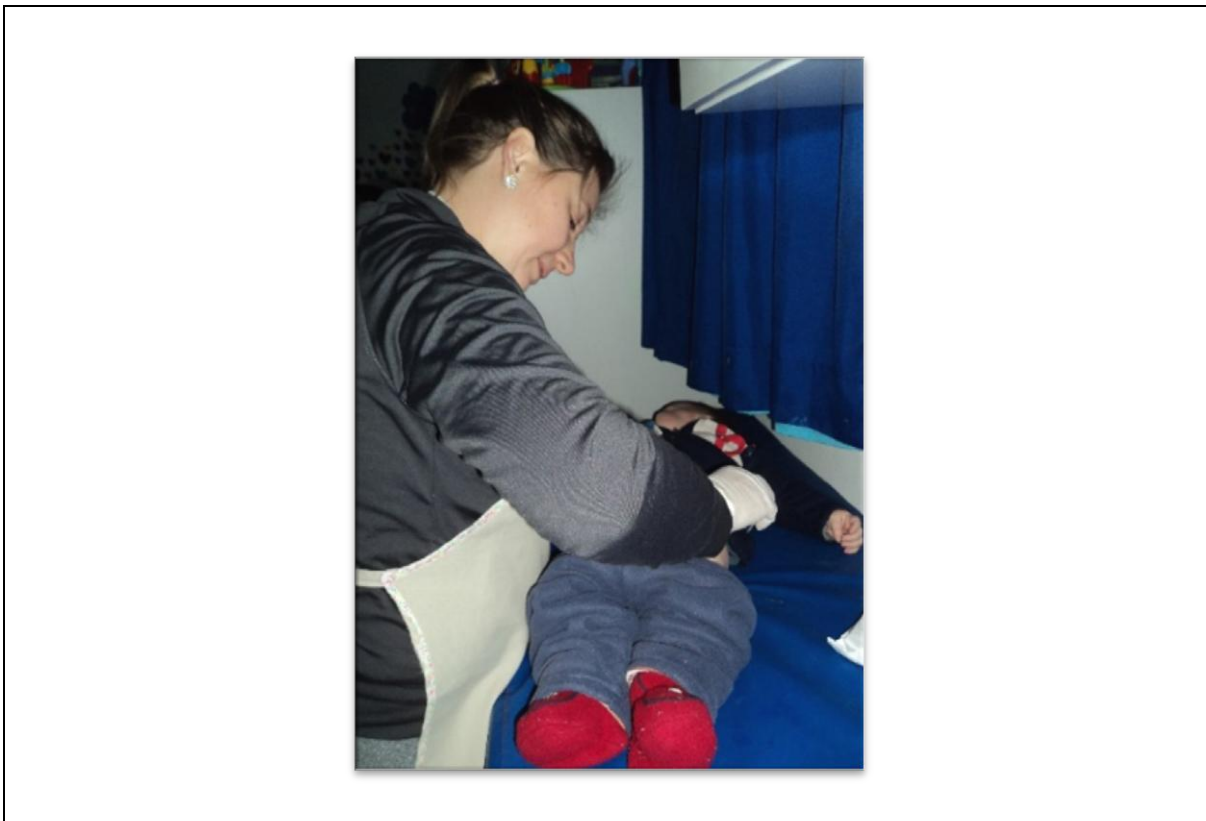


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

De maneira individual e cuidadosa, a estagiária atende ao bebê, realizando a higiene no nariz. A situação de troca e a relação estabelecida neste movimento evidencia, mais uma vez, a afetividade entre ambos se manifestando em forma de respeito, cuidado e atenção.

Os mesmos manifestos também se apresentam quando ocorrem as trocas de fraldas, uma ação que faz parte das necessidades básicas da vida de um bebê. A seguir, a imagem retrata esse processo cotidiano e amplia a reflexão acerca deste ponto:

Figura 18 - Professora trocando a fralda de Kaique



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Este é mais um momento respeitável de encontro e relações entre a professora e o bebê. Ele evidencia a forte ligação de respeito com o bebê quando a professora se preocupa com a higiene deste, para que ele possa se sentir bem e agradavelmente higienizado, o que causa bem-estar.

A troca de fraldas pode ser uma atividade importante de relação entre a educadora e a criança. Quando se dedica um tempo conveniente e isso se faz de uma maneira relaxada e tranqüila, aproveitando-se para estabelecer uma relação pessoal através da utilização de linguagem, pode-se tornar uma atividade que contribui para a saúde e o bem-estar dos bebês” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 152).

Essas reflexões fazem-nos perceber o quanto o simples fato de garantir a higiene pessoal do bebê é imprescindível, o quanto isso faz com que ele se sinta valorizado, ou melhor, se sinta agradável, o que contribui para o seu conforto. Além do mais, a troca de fraldas é algo tão sistêmico, porque:

No momento da troca de fraldas, sempre ocorrem as mesmas atuações: tirar as fraldas, pegar as toalhinhas, limpar o bumbum, [...] esses são momentos organizadores da realidade infantil, os quais são muito úteis para estabelecer uma relação de confiança e de segurança entre a educadora e o bebê; permitem aprender a sequência dos acontecimentos (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 152).

Mais ainda, esse procedimento permite ao bebê aprender e entender o que está acontecendo, o que gera evolução na aprendizagem e desenvolvimento, bem como estabelece uma relação de carinho entre a professora e os bebês.

Além de proporcionar tudo isso ao bebê, a ação evoca a sensação de conforto e comodidade com a higiene própria, o que traz sensação de alívio. Ortiz e Carvalho (2012) esclarecem:

A troca de fraldas é um cuidado básico que vai além dos cuidados higiênicos. Além de manter o bebê limpo e confortável, evita-se as irritações da pele e as doenças, mas principalmente provoca-se o conforto “mental”, pois, para o bebê pequeno, o corpo e a mente estão muito próximos e o alívio físico é identificado como alívio mental (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 93).

Seguindo nesse direcionamento, podemos perceber esses acontecimentos presentes nas falas da professora durante o cotidiano vivido entre ela e os bebês:

A turma se encontrava brincando no tatame da sala de aula, quando a professora se aproximou de Manuely e falou: - Manuely, vamos trocar tua fralda senão vai passar teu xixi! (ela olha e ergue seus braços para a docente).

(Excerto do diário de campo, 15/08/2018)

Neste excerto, conseguimos notar que entre o bebê e a professora existe uma forte relação já desenvolvida, visto que Manuely entende o que a docente lhe diz e responde através do gesto de erguer seus braços, mostrando, assim, que concorda com ela e sabe que isso se faz importante. Com atitudes como essas, o bebê se sente pertencente ao grupo em que se encontra inserido e também ao mundo que está a sua volta.

4.4 O choro dos bebês

O choro sempre vem atrelado a algo ou alguma situação. Ele faz parte do dia a dia dos bebês, pois é através dele que eles se comunicam com os adultos que os cercam, principalmente antes do período de desenvolvimento da fala.

Afinal, nesta forma de comunicação do bebê com o adulto, ou seja, com a professora, ocorrem trocas e se efetivam estritas relações entre ambos, as quais são carregadas de troca de olhares por parte dos dois, aconchego e apoio, por parte da professora, que vai ajudar o bebê a enfrentar a situação que o pôs em apreensão e que o levou ao choro. Portanto, entendemos que chorar é uma linguagem dos bebês, é a forma de eles se comunicarem, e pode representar diferentes aspectos, conforme o entendimento de Goldschmied e Jackson:

Vivendo próximos a um bebê, tornamo-nos capazes de distinguir (e assim interpretar) as mensagens que estão por trás dos diferentes tipos de choro. O bebê pode estar vivenciando fome, dor, desconforto físico, solidão, estimulação em demasia, ou talvez só um sentimento geral de mal-estar (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 100).

Em vista disso, a relação que vai se construindo entre professora e bebês é necessária e de suma importância. A partir do relacionamento entre ambos, a docente vai conhecendo as formas de expressão do bebê, e essa tomada de conhecimento vai ajudar na hora de amparar o bebê no choro, por exemplo. Na Figura 19, podemos observar esse fato.

Figura 19 - Estagiária acalmando Lorenzo do choro



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ao chorar, Lorenzo foi amparado e ouvido pela estagiária, que o acalentou e passou tranquilidade, o que o fez acalmar-se diante da situação que ocorrera. Aos poucos, o menino voltou à calma. Dessa forma, podemos constatar que o menino, ao se sentir amparado e protegido pelo adulto em sua presença, percebeu que foi respeitado ao expressar seu sentimento naquele instante do choro.

O choro é um modo de aliviar as tensões, e até o choro pode ter diferentes significações, sendo muitas vezes sinal de sofrimento, mas também sinal de que a criança que estava retraída e assustada já está podendo se expressar e demandar atenção específica (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 57).

Em outro momento, em relação a esse aspecto, observei a seguinte situação:

Sentada no chão brincando, Maria Eduarda começa a chorar. A professora, calmamente, pegou-a em seu colo, deu a mão, fez carinho no cabelo e ela foi se acalmando. E de repente, a menina adormeceu.

(Excerto do diário de campo, 16/08/2018)

Percebe-se, nesta relação de aproximação da professora que chega em Maria Eduarda, o forte vínculo existente entre ambas. O simples fato de ela se aproximar e ter um gesto de carinho ajudou-a em seu momento de inquietude, e a docente já sabia que seria motivo do bebê ter sono. Consegue-se entender, com esta situação, que “é importante conhecer as características de cada uma para poder ajudá-las e, em uma situação afetiva e relacional tranqüila, poder superar os momentos difíceis que os pequenos passam” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 154-155).

Por isso, independente do motivo do choro do bebê, o importante é acolhê-lo para que ele possa se sentir protegido e acolhido, o que trará benefícios ao seu desenvolvimento afetivo como indivíduo.

4.5 Momento de sono dos bebês

Dormir faz parte da natureza humana e constitui um momento especial para o

crescimento dos bebês. É uma necessidade básica e cheia de relações. Carinhos, cafunés, um aconchego suave, tudo contribui para tranquilizar um bebê e fazê-lo descansar. É nesta direção que caminham os instantes em que a professora realiza o papel de “fazer o bebê dormir”, quando os olhos já não conseguem mais se segurar e o molejo do corpo vai se alastrando e sinalizando que é hora da “sonequinha”. Sabemos que “o cansaço, o sono e as vontades aparecem de súbito e é preciso que o educador seja receptivo e observador para detectá-los” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 101). Para tanto, a professora vai se fazer presente nesse quesito mais uma vez, pois através dela os fatores que envolvem o sono do bebê serão atendidos. Neste sentido, apresento, na sequência, uma fotografia que mostra elementos relacionados ao sono dos bebês.

Figura 20 - Professora embalando Augusto para dormir



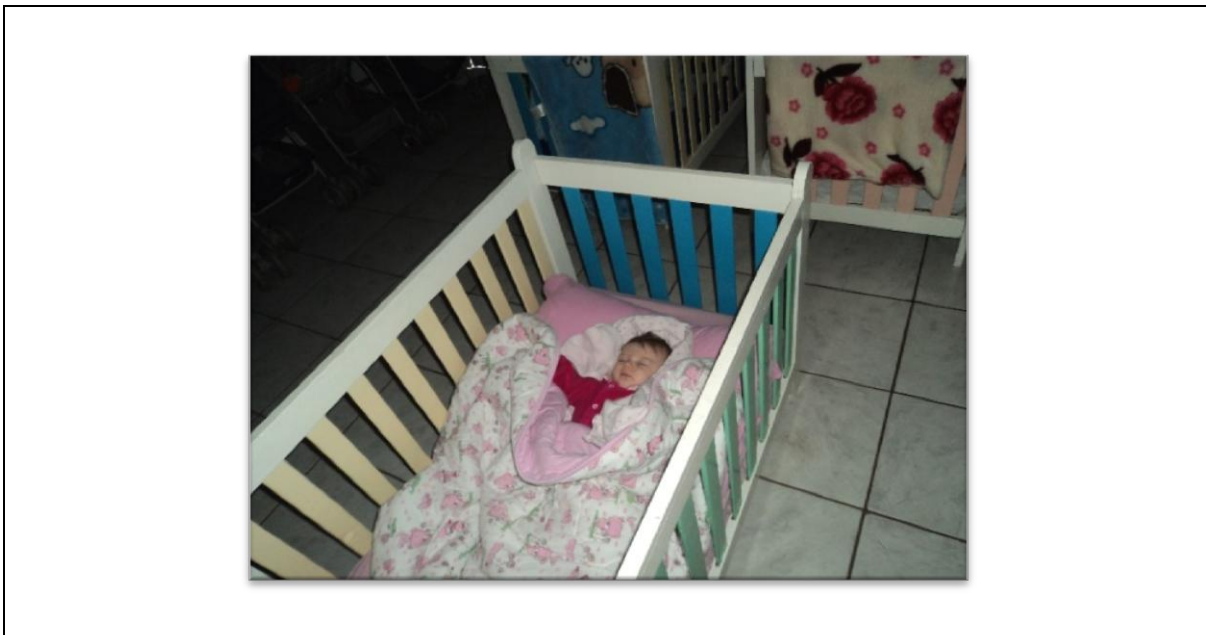
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na ocasião apresentada, Augusto se mostrou com sono, e a professora prontamente o atendeu. De modo individual, ela sentou perto dele, cobriu-o com seu cobertor e, com suaves movimentos com as mãos na repousadeira, foi acalmando-o até ele adormecer. Essa situação demonstra o carinho e atenção na relação da professora com o bebê, mostrando que a necessidade dele foi resolvida no momento em que ele indicou o que estava sentindo, e ela captou instantaneamente.

Ainda é necessário ressaltar que “[...] quanto menores [os bebês] são, têm

mais necessidade de descanso para o seu bem-estar físico e psíquico” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 154). Portanto, para o bem do bebê, de forma completa, incluindo todos os aspectos, é imprescindível levar em consideração essa necessidade vital. Na Figura 21, isso se evidencia, assim como o cuidado da professora em colocar o bebê para repousar em seu próprio berço.

Figura 21 - Marina dormindo no berço



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No excerto destacado a seguir, consegue-se ter a percepção do quanto “na creche, a educadora precisa conhecer o ritmo próprio de cada criança e colocá-la para dormir quando necessita” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 154):

Durante o momento do descanso da manhã, a professora se aproxima de Tauana, que se mostrava inquieta e um pouco agitada, e disse: - Vamos lá Tauana, agora é hora de dormir, você precisa descansar um pouco para depois brincarmos mais! A menina olhou fixo para a docente, foi se acalmando e, na sequência, pegou no sono.

(Excerto do diário de campo, 17/08/2018)

Nessa situação ocorrida entre a professora e Tauana, podemos notar que a conversa que a docente manteve com o bebê, argumentando por que ele precisava

descansar, apresentou efetiva relação de respeito entre ambas, ou seja, essa é mais uma ocorrência de afetividade. A ocasião evidenciou que a professora considera o bebê que está sob seu amparo diário e, com essa atitude, acabou destacando que existe um vínculo de cuidado, atenção e preocupação para com ele.

Seguindo nessa lógica, apresento a seguir uma imagem que retrata a ocasião que antecede o momento em que a professora percebe que alguns bebês estão com sono:

Figura 22 - Bebês deitados para dormir



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A docente, ao perceber que os bebês mostravam sinais de cansaço e sono, pegou-os e os deitou nas repousadeiras. Cobriu-os com seus respectivos cobertores e deu suas chupetas. Esta é mais uma demonstração de que a docente percebe as necessidades dos bebês, o que tem relação direta com a afetividade humana de que estamos falando.

4.6 Relações e trocas nas situações de aprendizagem

Proporcionar situações de aprendizagem que possibilitam o desenvolvimento e o crescimento saudável dos bebês é enriquecer e potencializar suas experiências,

que irão agregar para sua formação. São momentos enriquecedores e de valor inestimável para os bebês em uma sala de aula, os quais frequentam a escola de Educação Infantil. É a partir desses momentos que também se apresentam as relações, as trocas e aproximações entre bebê e professora. É nessas situações que ocorrerão fatos que de algum modo, marcarão a trajetória da criança. Na fotografia abaixo, vemos a aproximação e o contato direto da professora com Augusto:

Figura 23 - Professora e Augusto brincando na piscina de bolinhas



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O menino usufrui de um momento só para ele, podendo experimentar a piscina de bolinhas, tendo variadas sensações, sentimentos. Para usufruir tranquilamente do momento, a professora, com cuidado e dedicação, ajuda-o, colocando-o e segurando-o em cima das bolinhas.

Na próxima fotografia, em outra situação de aprendizagem e estímulo para os bebês do Berçário I, a professora segura Paola pela mãozinha e nas costas, com cuidado e atenção, para que ela possa usufruir da sensação de ficar apoiada em cima da bola grande de plástico. Podemos pensar, que para a menina, o fato revela grande estima, afinal, ficar em cima de algo que se mexe e a uma certa altura, traz

uma certa instabilidade. Mas a sua professora estava ali, atendendo-a e dando-lhe a oportunidade de usufruir da sensação que este movimento pode causar.

Figura 24 - Professora segurando a mão da Paola para ela brincar na bola



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Em outra situação ocorrida durante minha observação, constata-se o envolvimento da professora nos momentos proporcionados aos bebês, como podemos identificar abaixo:

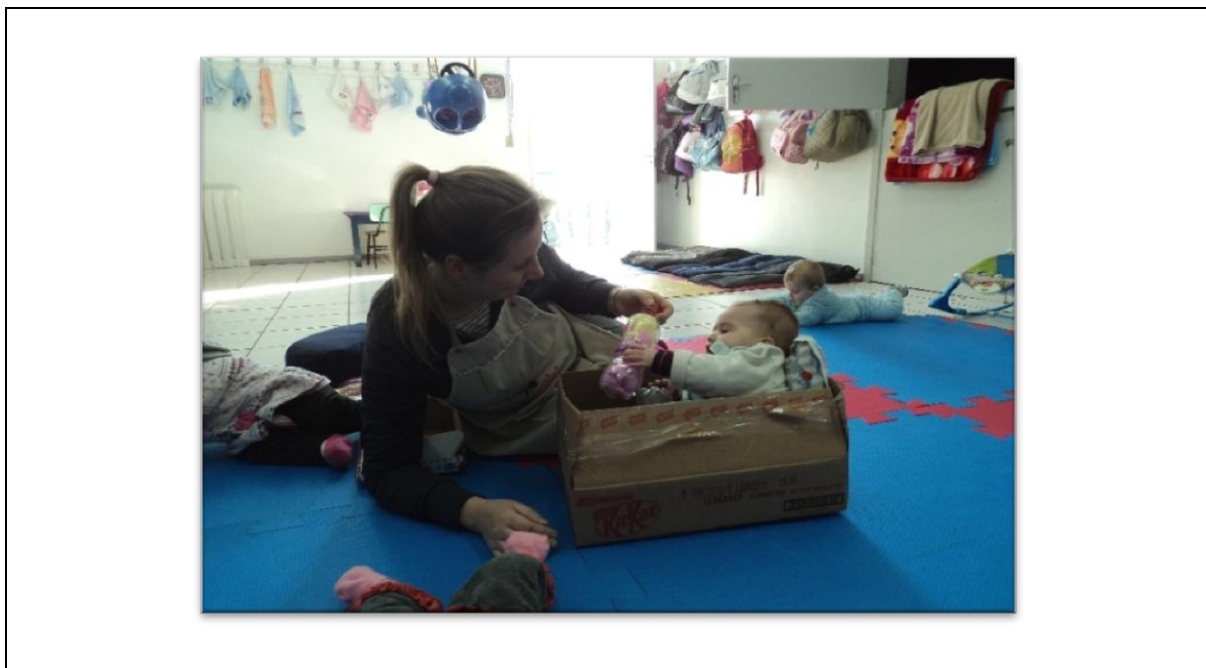
Figura 25 - A professora interagindo com Kaique



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ao ir em busca da bola que saiu rolando, Kaique se depara com a professora indo ao seu encontro com a bola, e percebe-se a alegria no semblante do menino. A forma como a docente foi se aproximando e realizando uma troca direta com o bebê, e de maneira natural, provocou uma relação de troca de olhares, de sorrisos e de gestos que estabelecem ainda mais a conexão e o vínculo entre ambos.

Figura 26 - Professora e Augusto brincando com a garrafa



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

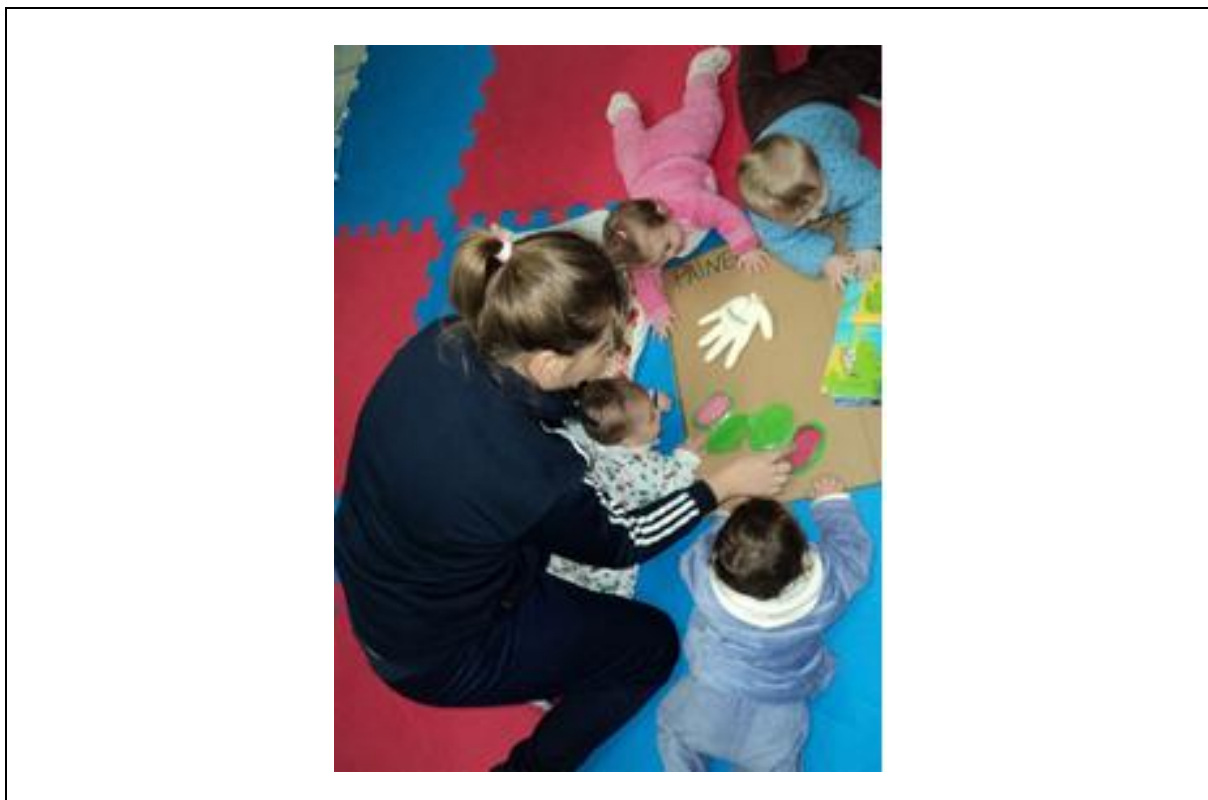
No momento em que a professora e a estagiária colocam os bebês no chão para a situação dirigida que haviam planejado, a professora comenta: “Eles gostam de ficar soltos e espalhados pelo chão e nós brincando e explorando junto com eles”.

(Excerto do diário de campo, 15/08/2018)

Com esta fala da docente, conseguimos ter a percepção do quanto estes períodos de exploração e manuseio que a professora e a estagiária oferecem aos bebês são fundamentais. É nestes acontecimentos que as relações e vínculos podem se reforçar ainda mais. Bassedas, Huguet e Solé (1999) afirmam:

[...] as relações que se estabelecem entre o bebê e a pessoa que o cuida estão cheias de situações de comunicação, nas quais trocam informações e estabelecem alguns laços afetivos primordiais para o crescimento e o desenvolvimento de todas as capacidades (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 38).

Figura 27 - Professora brincando com os bebês no chão



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A professora, que é quem está em contato com os bebês no espaço educacional, tem uma importância fundamental no desenvolvimento e no crescimento dos bebês que “passam por suas mãos”. As autoras ainda nos esclarecem que “este “alguém” é mais do que aquele que põe e tira o bebê do lugar, que troca, alimenta, conversa e brinca. É alguém que tem funções importantes na constituição psíquica e o desenvolvimento da criança” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 29). Com isso, entendemos que o adulto – professora – é alguém que contribui na constituição na integralidade dos bebês.

Pode-se dizer que a professora é “[...] esse outro, adulto, é quem insere o bebê no mundo e em suas infinitas possibilidades” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 29). É através da professora que, muitas vezes, os bebês têm contato com ocasiões que os ensinam e lhes mostram o mundo em que estão inseridos, ou seja, apresentam algumas coisas que existem e fazem parte do nosso entorno, criando e sustentando um grande vínculo entre ambos. E acrescento:

É importante considerar alguns aspectos da função do educador de creche como fundamentais no estabelecimento de uma relação consistente, como a qualidade do olhar que dirige à criança, a atenção por ela solicitada e os

diferentes papéis que pode desempenhar: não apenas o papel de suplemento à função materna (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 36).

Proporcionar aos bebês momentos significativos durante suas relações de troca em cada situação que ocorre, é oportunizar novas aprendizagens em cada uma delas, fazendo assim com que o bebê passe o dia em um ambiente agradável. Entendemos, assim, que a relação entre a docente e o bebê deve ser de troca, em que um dá e o outro recebe, em que ambos se entendem e está presente a afetividade, uma vez que é esta relação de afetividade que vai desencadear significado ao bebê e deixará marcas em seu crescimento e desenvolvimento social. Portanto, é necessário ter consciência de que as funções do docente vão além de um simples gesto suplementar, elas abrem horizontes e caminhos para a trajetória educacional dos bebês e também para a sua constituição humana.

A seguir, apresento as considerações finais acerca da pesquisa sobre o tema abordado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento, neste capítulo, as considerações finais acerca deste estudo. A trajetória de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso, durante o decorrer deste ano, me fez entender que não é um simples dar, ou fazer por fazer as coisas ou gestos que envolvem a relação de afetividade entre a professora e os bebês. As relações entre ambos vão além: buscam demonstrar respeito com o próximo e são trocas que marcam a vida dos bebês para sua vivência em sociedade. Sendo assim, posso dizer que a maior parte das minhas inquietações envolvendo meu tema e meu problema foram contempladas, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que não é por isso que se dá por findado o trabalho, pois sempre se está em constante movimento em busca de mais.

Na trajetória do trabalho, fui ao encontro de entendimentos para as minhas dúvidas, envolvida em dois objetivos específicos: “Conhecer como ocorrem as relações de afetividade entre a professora e os bebês” e “Descrever como os bebês criam e sustentam vínculos afetivos com a professora”. Para tanto, li referenciais teóricos que abordam o tema pesquisado, dialoguei com minha orientadora do trabalho, entrei em uma sala de aula composta por bebês com idade de 04 a 18 meses de idade, redigi em meu diário de campo minhas observações e registrei-as também através de fotografias. Assim, com todo este aparato, estive munida de aportes teóricos e empíricos, que me ajudaram a desenvolver este estudo.

Considerando o primeiro objetivo específico de “Conhecer como ocorrem as relações de afetividade entre a professora e os bebês”, pude constatar que as relações entre professora e bebês ocorrem a todo momento na sala de aula. Os

bebês são seres ainda dependentes e, em função disso, estreita-se a relação entre eles e a professora ou entre eles e a estagiária. Essas relações se estreitam, visto que para cada ação ou reação dos bebês acaba existindo uma resposta das docentes, acolhendo-os, ajudando-os no que for necessário naquele momento ou situação. Então, para cada fato, acontece uma troca de relações entre ambos, envolvendo o respeito por parte da professora para com o bebê que está sob seu olhar atento e aos seus cuidados durante o período em que permanece na Educação Infantil. Além disso, pude perceber que ocorrem relações de afetividade em cada troca ocorrida entre professora e bebês uma vez que a docente se mostra responsável por essa criança que ali está, demonstrando, assim, relação de respeito com o próximo.

Ficou evidente, durante as reflexões acerca de meus objetivos, que um se relaciona com o outro, ou seja, ao mesmo tempo em que ocorrem as relações e da forma como elas ocorrem, ocorre o estabelecimento do vínculo afetivo dos bebês com a sua professora. Ficou claro com relação ao segundo objetivo específico de “Descrever como os bebês criam e sustentam vínculos afetivos com a professora”, que a partir do momento em que o bebê cria uma relação de segurança e confiança com o adulto que está em sua presença – a professora –, ocorre o estabelecimento de um forte vínculo que liga ambos e sustenta suas relações, as quais, a cada dia que passa, evoluem positivamente.

Além disso, é perceptível, depois das análises, que o objetivo geral enunciado na pesquisa, de investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade na etapa da Educação Infantil, encontra-se contemplado. Pode-se comprovar isso quando se verifica que as relações de afetividade entre professora e bebês se sucedem a todo momento na sala de aula, em cada troca que acontece entre ambos, desde os momentos da higiene, do choro, da alimentação, do sono até o das situações de aprendizagens.

Cabe ressaltar ainda, em relação à trajetória percorrida, que o grande desafio da pesquisa foi entrar no espaço e no ambiente de uma sala de aula onde bebês estão vivendo momentos, ou melhor, estão passando e vivendo parte de suas vidas e dos seus dias e convivendo com adultos denominados seus docentes. Como futura pedagoga, esta pesquisa também foi um desafio no sentido de fazer uma

observação sem julgamentos que pendessem para algum lado. Afirmando que tentei manter o máximo de cuidado nesse sentido para que a pesquisa tivesse um valor efetivo. Todavia, com um olhar atento e sensível, foi possível captar muitas impressões para pensar sobre o problema sugerido na pesquisa e, assim, abrir horizontes para enxergar além do tema problematizado.

Essas constatações finais possibilitam uma reflexão sobre a prática docente, a forma como entrar no espaço escolar e se relacionar diretamente com as crianças, neste caso, com os bebês. Seres tão pequenos, mas transbordantes de ensinamentos para nós e com um mundo todo à sua frente para ser explorado e aprendido. E, para estes bebês, nada como terem guias – professoras – que conheçam esse processo e tenham consideração por ele, que compreendam o legítimo valor que ele tem.

Outro fator preponderante que se apresenta no decorrer desta pesquisa, é o de que ela apresenta contribuições para se pensar acerca das relações de afetividade que ocorrem na Educação Infantil. Contribuições estas, que mostram algumas constatações e formas para serem pensadas, de como ocorre e como se dá o processo de relações de trocas diretas entre o bebê e a professora, nos variados tipos de comportamentos apresentados pela criança, sejam eles, bons ou ruins. Por isso cabe aos docentes pensarem: sua forma de relacionamento afetivo com o bebê dentro da sala de aula, contribui de que maneira para o crescimento e desenvolvimento afetivo do mesmo?

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: jun. 2018.
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLE, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: abr. 2018.
- CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHTELMILLER, Margo. **O poder da observação**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 116, p. 41-59, jul., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n116/14398.pdf>>. Acesso em: jun. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Bluche, 2012. (Coleção interações).

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

WINNICOTT, D. W.; CABRAL, Álvaro. **Conversando com os pais**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de anuência para a Direção da Instituição de Ensino

TERMO DE ANUÊNCIA PARA A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Eu,, na condição de responsável pela Direção desta Instituição de Ensino, aceito que a acadêmica Maiana Caliari, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado/RS, sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Inês Horn, desenvolva sua pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada “RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS”, coletando dados neste estabelecimento educacional. Esta pesquisa tem como objetivo investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade na etapa da Educação Infantil.

A metodologia da pesquisa envolverá observações da prática pedagógica na sala de aula dos bebês, ao longo de uma semana, que serão registradas no diário de campo, e de fotografias que serão tiradas no decorrer do cotidiano escolar. Estes registros serão divulgados e publicados apenas para fins educacionais.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em abrir este espaço da Instituição, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas na pesquisa em Educação;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta Instituição que seja decorrente da participação nesta pesquisa;
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Lajeado/RS, de de 2018.

Direção da Escola:

Acadêmica Maiana Caliari:

.....

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a professora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PROFESSORA

Eu,, aceito participar da investigação intitulada “RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS”, desenvolvida pela acadêmica Maiana Caliari, através do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado/RS, sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Inês Horn, com o objetivo de investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade na etapa da Educação Infantil.

Fui esclarecida de que a acadêmica realizará observações ao longo de uma semana do cotidiano escolar, na sala de aula em que atuo, acompanhada de diário de campo, para fazer registro das mesmas, e que também irá fotografar situações ocorridas neste mesmo espaço. Tais instrumentos metodológicos terão o propósito único da pesquisa, respeitando-se as normas éticas.

Minha participação é um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A acadêmica colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados. Devido a isso, autorizo a divulgação das informações obtidas das observações, escritas do diário de campo e fotografias realizadas, para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Lajeado/RS, de de 2018.

Assinatura da professora:

Acadêmica Maiana Caliari:

.....

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis pelos bebês

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS RESPONSÁVEIS PELOS BEBÊS

Eu,, autorizo meu/minha filho(a), a participar da investigação intitulada “RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORA E BEBÊS”, desenvolvida pela acadêmica Maiana Caliari, através do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado/RS, sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Inês Horn e com o objetivo de investigar como ocorrem as relações de afetividade entre professora e bebês de 04 a 18 meses de idade, na etapa da Educação Infantil.

Fui esclarecido(a) de que a acadêmica realizará observações ao longo de uma semana, da aula do(a) meu/minha filho(a), acompanhada de diário de campo para fazer anotações, e que também irá fotografar situações do cotidiano escolar, neste mesmo espaço. Tais instrumentos metodológicos terão o propósito único da pesquisa, respeitando-se as normas éticas.

A participação é um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A acadêmica colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados. Devido a isso, autorizo a divulgação das informações obtidas das observações, escritas do diário de campo e fotografias realizadas, para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Lajeado/RS, de de 2018.

Responsável legal do bebê:

Acadêmica Maiana Caliari:

.....



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09